



A POESIA AFRODESCENDENTE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA: UMA ESTRATÉGIA ANTIRRACISTA NA ESCOLA

LA POESÍA AFRODESCENTE EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD AFROBRASILEÑA: UNA ESTRATEGIA ANTIRACISTA EN LA ESCUELA

AFRO-DESCENT POETRY IN THE CONSTRUCTION OF AFRO-BRAZILIAN IDENTITY: AN ANTI-RACIST STRATEGY AT SCHOOL

Fagner de Sousa Araújo¹,

Maria da Vitória Barbosa Lima²

Gianne Carline Macedo Duarte Ferreira³

Resumo:

O presente artigo busca refletir a respeito da poesia afrodescendente como mecanismo de construção da identidade e cultura afro-brasileira e de combate ao racismo presente inclusive nas práticas pedagógicas. Nesta perspectiva, utilizou-se de teóricos para a discussão sobre os conceitos centrais deste estudo e de poemas de poetas contemporâneos que se autodeclararam afrodescendentes e que explicitam sua identidade e cultura de matriz africana e afro-brasileira como enfrentamento a todas as formas de preconceito e discriminação por meio do discurso reconstruído na linguagem poética. E, nestes textos, apresenta-se o afrodescendente como um eu-lírico que contrói e reconstrói sua identidade pela poesia, utilizando-se da arte da palavra com consciência e intencionalidade. Propõe-se, com este estudo, a inserção da poesia afrodescendente nas práticas pedagógicas, o que contemplaria a aplicabilidade da lei 10.639/03, que foi acrescentada pela lei 11.645/08, leis estas que alteram a lei 9.394/96, visando práticas antirracistas e interdisciplinares, a partir de um novo paradigma de educação.

Palavras-chave: Literatura; Cultura; Educação.

Abstract:

This article seeks to reflect on Afro-descendant poetry as a mechanism for building Afro-Brazilian identity and culture and combating racism present, including in pedagogical

¹ Mestre em Sociedade e Cultura pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Docente Efetivo da rede municipal de educação de Piripiri/PI. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2148-8779>. E-mail: fagnerdesousaaraujo40@gmail.com.

² Doutora em História pela UFPE. Docente da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6676-8563>. E-mail: mariavitoria.lima@srn.uespi.br.

³ Mestra em Sociedade e Cultura pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Docente Efetiva da rede municipal de educação de Beneditinos/PI. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2361-8702>. E-mail: gcmd.f@aluno.uespi.br.

practices. From this perspective, we used theorists to discuss the central concepts of this study and poems by contemporary poets who declare themselves to be of African descent and who explain their identity and African and Afro-Brazilian culture as a means of confronting all forms of prejudice and discrimination through discourse reconstructed in poetic language. And, in these texts, the Afro-descendant is presented as a lyrical self who constructs and reconstructs his identity through poetry, using the art of words with awareness and intentionality. This study proposes the inclusion of Afro-descendant poetry in pedagogical practices, which would contemplate the applicability of law 10.639/03, which was added by law 11.645/08, laws that amend law 9.394/96, anti-racist and interdisciplinary teaching practices, based on a new educational paradigm.

Keywords: Literature; Culture; Education.

Resumen:

Este artículo busca reflexionar sobre la poesía afrodescendiente como mecanismo de construcción de la identidad y cultura afrobrasileña y de lucha contra el racismo presente, incluso en las prácticas pedagógicas. Desde esta perspectiva, utilizamos teóricos para discutir los conceptos centrales de este estudio y poemas de poetas contemporáneos que se declaran afrodescendientes y que explican su identidad y la cultura africana y afrobrasileña como medio para enfrentar todas las formas de prejuicio y discriminación a través de un discurso reconstruido en un lenguaje poética. Y, en estos textos, el afrodescendiente se presenta como un yo lírico que construye y reconstruye su identidad a través de la poesía, utilizando el arte de la palabra con conciencia e intencionalidad. Este estudio propone la inclusión de la poesía afrodescendiente en las prácticas pedagógicas, lo que contemplaría la aplicabilidad de la ley 10.639/03, que fue agregada por la ley 11.645/08, leyes que modifican la ley 9.394/96, apuntando a prácticas anti-Enseñanza racista e interdisciplinaria, basada en un nuevo paradigma educativo.

Palabras clave: Literatura; Cultura; Educación.

Introdução

O sistema escravagista e colonizador brasileiro foi marcado por um padrão brancocêntrico e eurocêntrico, de modo que classe social, cor, gênero, sexualidade, religião são distintivos e fatores que geram desigualdades e injustiças, negando assim a presença da diversidade cultural. Conforme Barbosa (2020, p. 63), “A colonização europeia no século XV foi marcada pelo domínio cultural imposto agressivamente sobre os povos dominados, promovendo uma ruptura cultural e identitária, distanciando esses sujeitos de uma conexão com seus modos de vida tradicionais”.

Como aponta Cuti (2010, p.19), “o racismo antinegro está registrado na história da escravização dos africanos e de sua descendência com teorias e ações levadas a efeito pelos brancos com a discriminação racial”. E sabe-se que não foi somente no período do Brasil colonial e imperial que posturas racistas existiram; na contemporaneidade, mesmo sob regime republicano, embora sejam práticas não toleráveis, até mesmo do ponto de vista da legislação nacional como consta no artigo 149 do Código Penal Brasileiro (Souza, 2022), estão ainda impregnadas nos discursos e atitudes comportamentais.

Assim, a aprovação da lei 10.639/03⁴ representa um novo paradigma para a educação, que é o de reconhecer e valorizar a identidade e a cultura afro-brasileira na escola, sendo um marco legal de combate ao racismo, sobretudo na estrutura do currículo, no livro didático, nas práticas e atitudes. A lei foi fruto da luta dos movimentos sociais negros, a qual reconfigura e reeduca a mentalidade da sociedade e a própria educação numa perspectiva antirracista (Gomes, 2012). E essa resistência cultural perdura, embora reconheça-se no tempo atual a importância da influência africana na cultura brasileira, mentalidade manifestada até mesmo por meio de dispositivos legais; processo que tornou possível a interculturalidade, o reconhecimento e valorização entre as diversas manifestações culturais dos povos afrodescendentes e indígenas. Conforme Elio Ferreira (2007, p.57), “os africanos trouxeram seus deuses, sua cultura: música, canções, narrativas, lutas, saber, pensamento”, que por séculos ficou subordinada a um outro padrão de forma cruel e desumana.

A lei trata da obrigatoriedade do ensino de história, cultura afro-brasileira e africana na educação básica na rede pública e privada, mas o que se nota pelas pesquisas é que a lei, embora seja uma conquista, não tem surtido efeito por si só, pois não resolve as questões problemáticas envolvendo fatores étnico-raciais como o racismo, preconceito, discriminação e exclusão que estão permeados no seio da sociedade.

Uma forma importante de se trabalhar na escola a história e a cultura afro-brasileira e africana deve ser através das disciplinas de literatura, educação artística e história. Estudos já publicados, mostram que existem esforços de trabalho com a poesia afro-

⁴ Foi complementada pela lei 11.645/08, por incluir a cultura indígena, e que alteram a LDB 9394/96.

brasileira no âmbito escolar, apontando que as práticas pedagógicas é *locus* privilegiado para este tipo de trabalho, no qual a literatura apresenta-se como um recurso fundamental aliado na busca e valorização da identidade e cultura de matriz africana por meio da arte poética. Assim, tanto a poesia como a escola funcionam como espaço de resistência ou reverberação de dominação ou pode funcionar como reprodução/transformação da sociedade (Franco, 2015; Freire, 1987). A poesia afrodescendente ou negra na contemporaneidade, uma vez inserida nas práticas educacionais, tem sido um instrumento político valioso no combate aos preconceitos e discriminações, um recurso pedagógico fundamental a favor da luta antirracista.

A poesia pode ser então usada para a construção da identidade afrodescendente tanto para quem escreve como para o sujeito da aprendizagem e, assim, ser benéfica a todos que compõem o ambiente formativo, pois a poesia afrodescendente “constrói e assume uma identidade afro-brasileira” (Carmo Filho, 2016, p. 17).

Além do mais, é preciso considerar a educação, como um campo privilegiado para a formação das novas e atuais gerações para o convívio com as diversidades culturais, não pode isentar-se de sua responsabilidade social frente às diversificadas manifestações da cultura. Em outras palavras, a educação que promove a emancipação do sujeito só tem sentido

[...] quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores (Freire, 1987, p. 17-18).

Deve-se considerar ainda que as práticas pedagógicas são aquelas ações práticas “vivenciadas no coletivo e pedagogicamente estruturadas” e que “podem dar sentido aos processos de ensinar-aprender” (Franco, 2015, p. 613). As práticas pedagógicas, conforme Paulo Feire, podem tanto emancipar o sujeito da aprendizagem como reproduzir modelos de opressão social. Para Munanga (2009), a prática do racismo, ou práticas racistas são obstáculos aos afrodescendentes no acesso mais igual e justo à participação social e à ascensão econômica. Neste sentido, a poesia afrodescendente, nas práticas de ensino, contribui para a elevação da autoestima dos educandos, desmistificação de estereótipos e estigmas, superação de conflitos étnicos, uma vez que, por meio deste recurso, a identidade e cultura africana e afro-brasileira são reconhecidas e valorizadas, além do combate a todas as formas de injustiças sociais e humanas (Oliveira; Candau, 2010).

Desta forma, faz-se oportuna a utilização da poesia afrodescendente por incorporar a identidade, a cultura negra e combater o racismo, sendo uma temática transversal e interdisciplinar que deve permear todo o currículo escolar, tal como explicitado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNERER), e, assim, cumprindo o que determina a lei 10.639/03, com a finalidade da construção da identidade negra, desconstruindo assim um sistema eurocêntrico.

Este artigo aborda, portanto, a poesia afrodescendente como um instrumento para a construção da identidade negra positiva, ou seja, como uma estratégia que reconhece e valoriza a cultura afro-brasileira e, consequentemente, combate o racismo. Acreditamos que a poesia, além de um recurso literário, é também pedagógico, que pode e deve ser inserida nas práticas pedagógicas, a partir de uma perspectiva decolonial, antirracista e interdisciplinar.

Neste sentido, iremos discorrer sobre a poesia afrodescendente e suas tendências na contemporaneidade, sobre a identidade, a cultura afro-brasileira, o racismo e, sobretudo, a poética negra como estratégia antirracista para as práticas pedagógicas.

A poesia afrodescendente e suas tendências contemporâneas

No Brasil, diversos autores utilizaram-se do recurso da literatura como dispositivo cultural e social na constituição do imaginário identitário da sociedade. Conforme Cândido (2006), a literatura, nesta conjuntura, é veículo de repassar e difundir a cultura nacional, mas também pode ser meio de fazer críticas a esta mesma sociedade. Neste sentido, as representações que a literatura clássica reproduziu e veiculou no decorrer dos séculos por meio de seus autores, nem sempre difundiu a totalidade da diversidade dos povos constituintes da nação, pois, como corrobora Munanga (2013), a sociedade, permeada da ideologia das classes dominantes, recusa-se a ver a heterogeneidade sob bons olhos, sendo necessário, uma redução contínua nas relações sociais, constituindo uma homogênea identidade nacional.

Segundo Cuti (2010, p.15), "no Brasil, durante os quatro primeiros séculos, escritores ficaram à mercê das letras lusas. O domínio político e econômico também se revestia no domínio cultural, incluindo a literatura". As populações negras por muito tempo foram pensadas a partir de uma generalidade branca, o que aponta um silenciamento imposto e reproduzido durante séculos, pois eram-lhes negadas a condição de cidadão e escolarização aos afrodescendentes colonizados. Neste contexto, os descendentes de escravizados eram utilizados como temática literária "predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração" (Cuti, 2010, p.16).

É importante ressaltar que a sociedade brasileira é constituída por uma diversidade cultural de povos imersos em um conjunto de tradições e manifestações que se expressa através de costumes, valores, hábitos, comportamentos, pensamentos, que se constituíram por um processo de hibridismo cultural, de influência sobretudo dos povos africanos, os quais foram submetidos a um processo forçado de diáspora, sendo instalados neste país, trazendo-nos sua identidade e cultura de matrizes africanas, que resistiram ao processo de apagamento e continuam reverberando (Burke, 2010; Cancline, 2011).

A literatura afro-brasileira tem sido discutida por muitos autores contemporâneos, dos quais, podemos citar nomes como Cuti (2010), Duarte (2012), Zilá Bernd (2010), Ianni (1988),

Elio Ferreira (2007), dentre outros. Embora este estudo não tenha a pretensão de abranger toda a amplitude do fenômeno, essa temática torna-se oportuna e instigante; almejamos, assim, que mais pesquisadores se interessem e deem continuidade aos estudos, pois percebem-se divergências teóricas nas terminologias entre os autores, lacunas nas pesquisas, dentre outras questões em construção no tempo atual (Pereira, 2007). Isso pressupõe que são necessárias mais pesquisas, principalmente atreladas ao âmbito educacional, não se restringindo somente ao *corpus* literário.

Concernente à poesia afro, esta é entendida como uma expressividade da subjetividade de poetas e escritores que se autodeclararam afrodescendentes e de todos que se juntam à luta da causa negra por meio do discurso artístico-literário; e, com o uso da palavra ressignificada, o eu-lírico assume-se enquanto eu-enunciador e sujeito político; e, com uma voz de protesto, denuncia a opressão física e psicológica, tendo espaço de anunciação no discurso, utilizando-se do recurso da linguagem poética, incorporando e assumindo uma identidade étnica de reconhecimento e pertencimento da cultura de matriz africana. Assim, reconstrói e dá sentido e significado às representações, ultrapassando as estruturas de pensamentos mecanicistas de um sujeito-objeto e de visões distorcidas construídas pela ótica do outro, ora estigmatizando os negros, ora estereotipando-os. Em contrapartida, porém, na atualidade, a poesia afrodescendente assume através de seus artistas-literatos uma identidade histórica, étnica, social e cultural combatendo preconceitos e discriminações e conscientizando a sociedade que o acerca (Souza, 2007).

Maria Nazareth Sorares Fonseca, referindo-se à literatura, que neste caso é a poesia afrodescendente, assume vários conceitos e terminologias. Nas palavras da autora:

a denominação “literatura negra”, ao procurar integrar-se às lutas pela conscientização da população negra, tem um papel importante na formação da identidade de grupos excluídos do modelo social pensado por nossa sociedade e na reversão das imagens negativas que o termo “negro” assumiu ao longo da história. Já a expressão “literatura afro-brasileira” procura marcar as ligações entre o ato criativo que o termo “literatura” indica e a relação dessa criação com a África, seja aquela que nos legou a imensidão de escravos trazida para as Américas, seja a África venerada como berço da civilização. A expressão “literatura afro-descendente”, por outro lado, parece insistir na constituição de uma visão que se quer vinculada às matrizes culturais africanas, ainda que se queira outra; por isso procura traduzir as mutações inevitáveis que essas heranças sofreram no Brasil (Fonseca, 2007, p.107-108).

Para Fonseca (2007), existem as nomenclaturas literatura negra, afro-brasileira e afrodescendente e há distinções entre estas terminologias, muito embora se refiram a um mesmo fenômeno da literatura brasileira. Neste estudo, optamos pela expressão poesia afrodescendente, por ser uma denominação bastante utilizada por escritores que se autodeclararam afrodescendentes e por estar associada à identidade e cultura de matriz africana (Pereira, 2007).

Segundo Cuti (2010, p. 13), “a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação”. Corroborando neste sentido,

Octavio Paz, diz que poesia é “conhecimento, salvação, poder, abandono, ela isola e une, é um convite a viagem...” (Paz, 1982, p.7). Para Cuti (2010), o fazer artístico-literário, é uma ação propriamente humana de criatividade, expressando sempre a intencionalidade do sujeito escritor e do eu-lírico, a voz que fala no discurso, o sujeito da linguagem poética, quer explicitando algo ou silenciando, e foi o que aconteceu na literatura com as vozes dos afrodescendentes no decorrer dos contextos históricos passados. Segundo Cuti:

O debate sobre as questões de raça permeará a produção escrita, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, para permanecer aceso nas teses sobre o Brasil, mesmo que cercado muitas vezes por uma cortina de silêncio (Cuti, 2010, p.17).

No contexto citado por Cuti, a literatura copiava modelos de escolas literárias produzidas na Europa, em suas formas, métricas, estilos, ganhando uma “nova” roupagem no Brasil por seus escritores, poetas, sendo a sociedade uma “moldagem para uma mentalidade branca” e, nesta conjuntura, a literatura como um instrumento de poder reproduzia as ideologias da classe dominante detentora do poder econômico e intelectual. Ressalta-se que a mentalidade neste momento era a crença de uma suposta superioridade de “raças”, crença desfeita sob o ponto de vista biológico, pois só existe uma única raça, a humana, e a crença na inferioridade de uns e superioridade de outros, o que só reforça preconceitos, discriminações, racismos, exclusões, injustiças.

Para Leandro Konder (2005, p. 13), a poesia é um “movimento de resistência dos valores qualitativos”, tendo como função não somente denunciar e combater o racismo e outras ideologias, mas é uma arte que também é conhecimento e que auxilia na autoconsciência, autodisciplina da razão, sensibilidade e tantas outras funções (Konder, 2005).

Ainda de acordo com Cuti (2010),

com o surgimento de leitores negros no horizonte de expectativa do escritor, bem como de uma crítica com tal característica, que haverá um entusiasmo para que a vertente negra da literatura brasileira se descongele da omissão ou do receio de dizer a sua subjetividade. Um marco importante para isso se deu no final da década de 1970 do século XX, mais precisamente no ano de 1978, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo; surgia o Movimento Negro Unificado contra Discriminação Racial, cuja sigla logo passou de MNCDR para tão somente MNU – Movimento Negro Unificado. Esse evento histórico dinamizou as entidades. No bojo de toda essa movimentação social que gerou, no mesmo ano, ocorre o lançamento da série Cadernos Negros (Cuti, 2010, p. 28).

Mas, conforme Eduardo de Assis Duarte, a literatura afro-brasileira não é só um conceito, mas uma forma de conteúdo que tem fatores que lhe dão originalidade como a temática, a autoria, o ponto de vista, linguagem e o público leitor (Duarte, 2010) e, nesta mesma direção, Edimilson de Almeida Pereira (2007, p. 186) diz que, embora sejam fatores que gerem polêmicas, têm se considerado como critérios definidores da literatura negra ou

literatura afro-brasileira, a saber: os “critérios étnicos, que vinculam a obra à origem negra ou mestiça do autor, e os temáticos, que identificam o conteúdo de procedência afro-brasileira como caracterizador da Literatura Negra ou Afro-brasileira”. E, ainda de acordo com o autor, estes critérios se mostram pouco abrangentes, pois existem os não afrodescendentes que têm interesse pela temática (Pereira, 2007).

Para Luiz Silva, as formas de expressão “afro-brasileiro” e “afrodescendente” são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento do silêncio do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana” (Cuti, 2010, p. 34). Neste sentido, Cuti faz uma crítica a estas duas denominações por considerar que tais expressões distanciam os escritos de subjetividade afro do conjunto da literatura brasileira. E, ainda, para Pereira (2007, p. 206), “a própria definição dos termos ainda é um ponto a ser melhor considerado, pois está em jogo tanto a afirmação histórico-social do indivíduo negro quanto a escrita que reclama para si o valor de obra literária”.

Segundo Zilá Bernd (2010), a literatura afro-brasileira tem associação com um jeito negro de ver e sentir o mundo. Para esta autora, a terminologia mais aceitável é a expressão afro-brasileiro. A poesia afro-brasileira, como prefere chamar a autora, ajuda o negro na libertação de imagens estereotipadas que foram criadas desde sua chegada ao país (Bernd, 1988). A linguagem poética forma o mecanismo estratégico que poetas acharam para fazer o combate e promover a libertação de seu público de preconceitos e juntá-los na sociedade.

Para Bernd (1988, p. 22), “o conceito de literatura negra não se atrela nem à cor da pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual, cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciador que se quer negro.” Já, para Fonseca,

a literatura negra seria a “tentativa de preencher vazios criados pela perda da literatura afro-brasileira gradativa da identidade determinada pelo longo período em que a ‘cultura negra’ foi considerada fora-da-lei, durante o qual a tentativa de assimilar a cultura dominante foi o ideal da grande maioria dos negros brasileiros” (p. 22-23). [...] também identificar a “poesia negra” pela forma como o enunciador se manifesta. [...] o “eu lírico, em busca de uma identidade negra, instaura um novo discurso – uma semântica de protesto – ao inverter um esquema onde ele era o Outro (Fonseca, 2006, p. 29).

Neste sentido poesia negra ultrapassa as outras formas de fazer literatura, pois incorpora a identidade, e isto é explicitado como discurso renovado, no corpo do texto poético, ao passo que o eu-lírico protesta, numa perspectiva de alteridade, fato que agrupa a coletividade no discurso do enunciador literário. Corroborando nesta direção, Octavio Ianni (1988, p. 91) diz que “a literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo”. Ou seja, a poesia afrodescendente é um fenômeno tanto de séculos passados como algo contemporâneo, estando em um contínuo movimento de construção, e reconstrução, sendo um “sistema de obras, autores e leitores, articulados

em torno de uma problemática povoada de construções, imagens, ressoando o drama do negro brasileiro" (Ianni, 1988, p. 91).

Neste intuito, a poesia é uma linguagem transformada em conteúdo reconfigurado, e que é expressado como produção com toda uma dinâmica específica de forma e substância. Para Paz (1982), poesia é poder e, assim sendo, ela pode transformar as estruturas de pensamento historicamente formulados, de modo que forma novas estruturas cognitivas ancoradas pela poesia; e, conforme Elio Ferreira, poesia negra é uma espécie de eu sou, o que se sente e o que se pensa e o que se vive no mundo (Souza, 2006). Por isso, pensa-se que esta é um recurso ideal para lidar com o emaranhado de problemáticas sociais por trazer para o cenário do discurso abordagens reais, alegóricas de seres protagonistas no cerne da palavra transformadora de construtos sociais.

E, ainda segundo Zilá Bernd, poesia afrodescendente é:

um certo modo negro de ver e de sentir o mundo; e a utilização de uma linguagem marcada, tanto no nível do vocabulário quanto no dos símbolos, pelo empenho em resgatar uma memória negra esquecida, legitimam uma escritura negra vocacionada a proceder a desconstrução do mundo nomeado pelo branco e a erigir sua própria cosmogonia (Bernd, 1988, p. 22).

E, quanto às tendências da poesia afrodescendente, segundo Edmilson de Almeida Pereira (2007), são vários os modelos na contemporaneidade. Porém, os escritores tem aderido às seguintes: a tendência historicista e a tendência de invenção. Conforme Pereira (2007), são vários os autores que assumem a poesia afrodescendente, como Conceição Evaristo, Salgado Maranhão, Adão Ventura, Oliveira Silveira, Estevão Maya-Maya, Luís Silva (Cuti), dentre tantos outros; e estes autores têm se inclinado para uma destas tendências ou para ambas.

Na tendência historicista, a poesia assume uma postura de "combate à opressão social e psicológica, cobra o justo lugar para o negro brasileiro na sociedade brasileira" (Pereira, 2007, p. 249). Neste sentido, a poesia é instrumento de intervenção na realidade. No tocante à tendência, esta intervém no social, pois a poesia mostra a realidade. Já, no tocante à tendência de invenção, a poesia afrodescendente, segundo Pereira (2007), é vista como uma realização (da) e (na) linguagem, uma conexão com a realidade, e assume-se uma forma metaforizada e mágica principalmente na figura de Exu, "entidade do panteão iorubá" (Pereira, 2007, p.254).

E, por meio desta tendência, os poetas se utilizam da cultura afro-brasileira como uma linguagem para a produção da poesia afrodescendente. Por esta tendência, busca-se a presença dos Orixás⁵ na cultura brasileira, como por exemplo: Oxalá, Iemanjá, Iansã, Ogum, Xangô, Oxóssi dentre outros, visando o resgate das tradições de nossos ancestrais. De um lado os poetas assumem a africanidade e a brasiliidade por meio do discurso poético-literário, reconstruindo a cultura de matriz africana historicamente

⁵ São divindades cultuadas e reverenciadas nas religiões de matriz africana. E neste estudo pedimos licença e permissão aos Orixás para o uso de vossos nomes neste artigo.

menosprezada pelo padrão da cultura do colonizador, que tenta inviabilizá-la ao demonizar a religião dos orixás, situações que precisam ser combatidas tendo em vista a multidimensão da capacidade humana de criar e ressignificar suas relações por meio da linguagem. Do outro, muitos tentam torná-la uma literatura menor, não se dando conta que faz parte da mesma literatura brasileira. A poesia afro assume um caráter pedagógico pois evoca uma pluralidade sociocultural e a riqueza expressa nas diversas manifestações da cultura afro-brasileira e africana. Neste caso, a poesia afrodescendente, denominada por Cuti (2010) de literatura negro-brasileira, tem papel primordial nesta postura interdisciplinar e transversal.

Embora a poesia afrodescendente seja um forte recurso a serviço de uma causa, nem sempre a literatura foi encarada numa perspectiva pedagógica antirracista. Sendo assim, a pluralidade étnico-racial nem sempre teve sua representatividade nos discursos literários. Nos tempos atuais, os resquícios do padrão eurocêntrico manifestam-se quer de maneiras implícitas e noutras explícitas nos discursos, nas práticas, posturas e comportamentos, o que nos induz a repensar as práticas sociais, se estas são emancipadoras ou reproduutoras da sociedade (Munanga, 2013). E tal postura não deve ser somente das pessoas que se autodeclararam afrodescendentes, mas de todos os cidadãos por uma questão de humanização, solidariedade. Para tanto, a escola tem que formar as mentalidades para uma nova sociedade que não reproduza exclusões. Neste caso, a poesia afrodescendente, ao ser inserida nas práticas escolares, constitui um recurso precioso capaz de promover nos educandos a reflexão sobre a população afrodescendente, sua história e identidade e real papel que ocupa na sociedade brasileira.

A poesia negra como instrumento na construção da identidade afro-brasileira e no resgate de sua cultura

Referindo-se ao modo como a identidade dos povos afrodescendentes foi tratado na literatura brasileira, Cuti (2010, p. 35) diz que houve um “silenciamento da identidade negra que perpassou os séculos e atingiu o século XXI de várias formas; uma delas é apresentar negros com detalhes de uma suposta generalidade branca”. Assim, a construção da identidade é um elemento imprescindível no processo de desconstruir/reconstruir as representações de imagens construídas socio-historicamente, e a literatura e as práticas curriculares são espaços oportunos para a reafirmação da identidade e da cultura africana de nossos ancestrais constituintes de nossa identidade nacional, plural, multicultural. Deste modo, conduzir o fazer docente nesta perspectiva dialógica atende o que regimenta os dispositivos legais do país quanto ao ensino de história, memória e cultura africana e afro-brasileira.

Neste sentido, Cuti corrobora ao dizer que:

A identidade brasileira para os descendentes de africanos é mais antiga do que, por exemplo, para os imigrantes e seus descendentes. As línguas africanas não se mantiveram intactas no Brasil, desaparecerem da vida cotidiana da maioria da população, ficando restritas em pequenas comunidades, principalmente religiosas (candomblé, umbanda, quimbanda), ou ainda em alguns remanescentes de quilombos (Cuti, 2010, p. 39).

A influência das línguas africanas trazidas pelos povos conquistados repercute na língua do colonizador pelas inúmeras palavras de origem africana incorporadas no idioma português-brasileiro, o que reforça que a identidade linguística não é propriedade exclusiva somente dos povos oriundos da diáspora, mas algo pertencente a todo um conjunto que partilham da mesma língua enquanto constituintes nação, aspecto que reforça a importância dos afrodescendentes no aumento do vocabulário no idioma oficial e isto é constatado em inúmeras palavras de origem africana.

E esta identidade se manifesta de muitas outras formas e em vários aspectos da cultura da sociedade brasileira. Ainda, de acordo com Munanga, quanto ao “fator linguístico, não podemos dizer que a crise foi total, pois nos terreiros religiosos persiste uma linguagem esotérica que serve de comunicação entre os humanos e os deuses (orixás, inquices) que continua a ser um fator de identidade” (Munanga, 2009, p. 6). Neste sentido, preserva-se a identidade no aspecto linguístico de maneira mais enfática, principalmente nas comunidades religiosas de terreiros de candomblé, umbanda, quimbanda.

Segundo Cuti (2010), a identidade envolve um querer ser negro, um assumir negro, um gosto em ser negro. Apesar disso, historicamente esta identidade foi deixada em segundo plano, embora tenha existido uma resistência cultural de não apagamento da identidade e cultura de matriz africana; neste sentido, Clovis Moura diz que a “interioridade [das populações negras] era montada no sentido de receber passivamente ou semipassivamente os mecanismos do sistema [...] por isso não tinham consciência crítica” (Moura, 1994, p.17).

No poema *Eu, pássaro preto*, de Adão Ventura, da obra *Cor da pele* do poeta contemporâneo, é possível perceber o pertencimento étnico identitário do autor de maneira ressignificada, ao dizer: “eu, / pássaro preto, / cicatrizo, / queimaduras de ferro em brasa, / fecho o corpo de escravo fugido/ e/ monto guarda/ na porta dos quilombos” (Ventura, 1988, p.1).

Nas palavras poéticas, nota-se a associação do eu-lírico a um pássaro, o que, automaticamente, lembra-nos a ideia de liberdade associada à figura imagética de um pássaro ao fazer um lindo voo, que se contrapõe à ideia de uma memória⁶ histórica de opressão, violência física. Reconfigura-se, porém, a linguagem por assumir uma autoimagem não de outrora, mas de alguém que luta, é resistente, combatente, de modo que é possível perceber uma postura de resiliência ao mencionar o quilombo, representação simbólica de luta pela liberdade e expressão da identidade e cultura afro-brasileira.

⁶ Uma memória individual e de uma coletividade.

Alzira Rufino, em sua poesia, exalta a identidade da mulher afrodescendente. No poema *Resgate*, diz: “sou negra ponto final/ devolvo-me a identidade/ rasgo minha certidão/ sou negra/ sem reticências/ sem vírgulas/ sem ausências/ sou negra balacobaco/ sou negra noite cansaço/ sou negra/ ponto final” (Rufino, 1988, p. 88).

Conforme Duarte (2014, p. 168), “como poeta e ficcionista, Alzira Rufino está nos *cadernos negros* e em outras ontologias brasileiras e estrangeiras”. E neste sentido, no poema *Resgate* é possível perceber uma autoidentificação a partir da voz lírica de uma mulher, que assume sua negritude.

Para Stuart Hall, a identidade se distingue em três tipos: “sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno” (Hall, 2006, p. 10). Mas a identidade na pós-modernidade é fragmentada, móvel, é construída, sendo que não existe uma identidade pronta e acabada, mas as identidades, o que gera conflitos, pois não se tem uma solidez e, sim, uma maleabilidade, uma busca constante das identidades étnicas, de gênero, religiosa, de sexualidade, dentro outras, que ora se assemelham ora se diferenciam. Como diria Bauman (2001), o indivíduo é responsável por sua identidade na realidade líquida. Por sua vez, de acordo com Nilma Lina, a identidade negra é uma construção social, histórica e cultural, repleta de densidade, de conflitos, e de diálogos (Gomes, 2013).

Corroborando no que diz respeito a identidade, Munanga diz que:

[...] a negritude e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos povos portadores da pele negra que de fato são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é como parece indicar o termo Negritude à cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas (Munanga, 2009, p. 10).

Em contrapartida e como antídoto estratégico, a negritude tem sido fundamental em ressignificar a luta contra todas as formas de injustiça, tendo em vista que busca a reafirmação de um novo discurso e uma nova mentalidade de conscientização e denúncias dos preconceitos aos afrodescendentes e, assim, reconstrói-se a voz outrora silenciada, não mais contentando-se com a reprodução de ideologias dominadoras, agora utilizando-se da poesia como recurso político de luta e combate às opressões físicas e psicológicas.

No poema *Oferenda* de Oliveira Silveira, poeta contemporâneo, é possível perceber o quanto o poeta assume o pertencimento étnico, ao passo que escreve uma poesia com elementos da cultura afro-brasileira, sobretudo de ritualísticas e designações encontradas nas religiões de matriz africana.

Dona Moça ialorixá, / Veja aí quem vem ao tronco. / Vá tinindo seu adjá, / Dona Moça mãe de santo:/ é cavalo de Oxalá Porque está todo de branco. / Branca

angolista de Angola/ - seu sangue ao cérebro aqueça. /Adaga para a degola, /Vermelho encharcando as mechas:/ Bori para Oxalá Velho/ Que é dono dessa cabeça/ (Silveira *apud* Matos, 2013, p. 32).

Neste poema, percebemos que a cultura afro-brasileira é um constituinte necessário da poesia afrodescendente, sendo expressa nas palavras do eu-lírico como uma espécie de ritualística das religiões de matriz africana. Usam-se expressões que denotam cargos de hierarquia em um terreiro ou comunidade, como o termo ialorixá, equivalente à sacerdotisa, ou mãe de santo. É possível identificar a presença do nome de uma divindade no poema, neste caso Oxalá⁷, que é reverenciado tanto no candomblé, religião que resgata a herança ancestral trazida da África e a memória dos africanos, sendo também uma divindade reverenciada na umbanda, ambas religiões afro-brasileiras. No poema, é mencionado um instrumento litúrgico das práticas religiosas associado ao candomblé, o *adjá*, utensílio que é utilizado por pessoas autorizadas e é um instrumento importante no culto dos orixás, além do *bori*, que é um ritual de oferenda, que no poema é oferecido ao Orixá Oxalá.

Vinham pelos caminhos, / ruas e encruzilhadas/ abertos por Bará/ ante a oferenda do galo, do milho/ ou do cabrito quatro-pé. / Vinham pelos caminhos/ atendendo ao chamado de um tambor/ que bate dentro de seus próprios peitos:/ tuc-tuc-tuc. / Vinham pelos caminhos/ - pele magnética -/ atraídos ao ímã ancestral. / Vinham/ - caules decepados -/ nutrir-se nas raízes/ (Oliveira *apud* Pereira, 2007, p. 262-263).

No poema *No caminho casa de nação* de Oliveira Silveira, é possível perceber o quanto o poeta se utiliza da riqueza da cultura de matriz africana, que se manifesta por meio dos terreiros de candomblé e de umbanda, religiões que têm uma liturgia ancestral, onde se percebe uma identidade religiosa intimamente ligada às heranças trazidas da África pelos africanos no período diaspórico; e, nestas referidas religiões, são feitas memórias aos Orixás, divindades que são cultuadas e veneradas pelos iaô ou filhos-de-santo.

Nas palavras do poeta, nota-se uma referência ao Orixá Bará, que é Exu, uma divindade. Conforme o poema, Exu Bará tem funções, e umas destas é abrir caminhos. A linguagem poética se coaduna com a cultura de matriz africana, fazendo-se menções a esta manifestação cultural. É possível pressupor que o poema foi construído tendo como ponto de partida uma imersão intersubjetiva da experiência do eu-lírico no universo religioso da espiritualidade afro-brasileiro. Também se percebe um indicativo a oferendas ou ofertas, outro elemento da cultura afro-brasileira trazido na poesia, e também o tambor; neste contexto, os atabaques são instrumentos acústicos muitos utilizados no acompanhamento dos *orikis*⁸ ou pontos cantados.

⁷ Orixá criado por Olorum, divindade africana, de nome Orishala ou Obatala, associado a paz e pureza.

⁸ Palavra de origem africana que se refere a textos poéticos com ensinamentos e reflexões.

Percebemos, com essa mostra de poemas analisados, a riqueza destes, enquanto instrumentos no processo educativo, para o resgate da cultura do povo afrodescendente e na construção de sua identidade. Sendo assim, a pluralidade étnico-racial nem sempre teve sua representatividade nos discursos literários. Nos tempos atuais, os resquícios do padrão eurocêntrico manifestam-se quer de maneiras implícitas e noutras explícitas nos discursos, nas práticas, posturas e comportamentos, o que nos induz a repensar as práticas sociais, se estas são emancipadoras ou reproduutoras da sociedade (Munanga, 2013). Para tanto, a escola tem que formar as mentalidades para uma nova sociedade que não reproduza exclusões.

Neste caso, a poesia afrodescendente, ao ser inserida nas práticas escolares, constitui um recurso precioso capaz de promover nos educandos a reflexão sobre a população afrodescendente, sua história e identidade e real papel que ocupa na sociedade brasileira, serviço de uma causa, embora nem sempre a literatura tenha sido encarada numa perspectiva pedagógica antirracista.

Considerações finais

Conforme pudemos constatar, a poesia afrodescendente, além de propiciar uma imersão poética como uma experiência que liberta o espírito, abre os portais de autoconhecimento, sensibilidade e criatividade, é um recurso importante nas práticas pedagógicas, pois não apenas mostra a realidade social, contextualizando as problemáticas oriundas da sociedade, como as práticas de intolerância de cunho racista, mas é uma prática que promove a reflexão, com a intencionalidade de construir e reconstruir representações identitárias de matriz africana de forma consciente e responsável. Acreditamos que a poesia afrodescendente propicia a transformação do sujeito, pois contribui com a construção da identidade afrodescendente positiva, resgatando o valor dos povos negros e estende-lhes estimável valor pela construção da identidade brasileira. E, nos dizeres de Octavio Paz, poesia é conhecimento, salvação e poder (Candido, 2006; Gomes, 2012; Paz, 1982). Daí a necessidade de ser inserida nas práticas pedagógicas. Deste modo, conduzir o fazer docente nesta perspectiva atende o que regimenta os dispositivos legais do país quanto ao ensino de história, memória e cultura africana e afro-brasileira.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BERND, Zilá. Da voz à letra: itinerários da literatura afro-brasileira. *Via Atlântica, /S. I.,* v. 1, n. 18, p. 29-41, 2010. DOI: 10.11606/va. v0i18.50737. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50737>. Acesso em: 1 maio. 2023.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro, 2006.

BARBOSA, Shirley Cristina Amador. **Educação, resistência e tradição oral:** uma forma outra de ensinar e aprender na comunidade quilombola Vila União/Campina, Salvaterra-PA. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Sociais e Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

CANCLINE, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2011.

CARMO FILHO, Raimundo Silvino do. **Negritude, identidade e consciência estética na poesia afro-brasileira de Oswaldo de Camargo**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2016.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

RUFINO, Alzira. **Eu, mulher negra, resisto**. Santos: Edição da Autora, 1988.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Poesia afro-brasileira - vertentes e feições. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v. 15, p. 97-111, 2007. Disponível em:
<http://www.letras.ufmg.br/poslit> Acesso em: 01 maio 2023.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Práticas Pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul./set. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando araca. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/wQQ8dbKRR3MNZDJKp5cfZ4M>. Acesso em: 01 maio 2023.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n°. 28, 1988. (Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura).

KONDER, Leandro. **As artes da palavra**: elementos para uma poética marxista. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATOS, Manoela Fernanda Silva de. As vivências do candomblé na poesia ancestral de Oliveira Silveira. **Nova Revista Amazônica**, Bragança, v. 1, n. 1, p. 23-26, jan./jun. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/nra.v1i1.6274>. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/12097>. Acesso em: 01 maio 2023.

MOURA, Clovis. **Dialética Radical do Negro no Brasil**. São Paulo: Anita, 1994.

MUNANGA, Kabengele. **Relações étnico-raciais e diversidade**. Educação e diversidade étnica-cultural: A importância da história do negro e da África no sistema educativo. Niterói: Alternativa, 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. Autentica: Belo Horizonte, 2009.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n.01, p.15-40, abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/TXxbbM6FwLJyh9G9tqvQp4v>. Acesso em: 01 maio 2023.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Mulungos na escola**: questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo: Paulinas, 2007.

PAZ, Otavio. **O Arco e a lira**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro. 1982.

VENTURA, Adão. **Eu pássaro preto**. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/47795/zumbi> Acesso em: 01 maio 2023.

VENTURA, Adão. **Cor da pele**. 5. ed. Belo Horizonte. Edição do Autor, 1988.

SOUZA, Elio Ferreira de. **Poesia negra das Américas**: Solano Trindade e Langston Hugles. Recife: O Autor, 2006.

SOUZA, Luciano Anderson. **Código Penal Comentado**. 2. ed. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2022.

SILVA, Assunção de Maria Sousa e. **Nações entrecruzadas:** tessituras de resistência na poesia de Conceição Evaristo, Paula Tavares e Conceição Lima. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

A Revista Interdisciplinar Sulear declara que os(as) autores(as) são responsáveis pela revisão textual, tanto da Língua Portuguesa, das línguas estrangeiras e das normas e padronizações vigentes.

Recebido em: 4/1/2024

Aprovado em: 10/9/2025